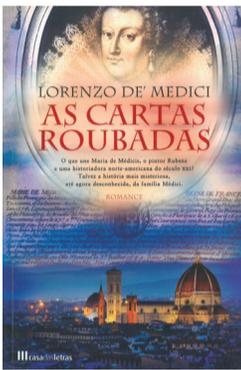


AUTOR EM DESTAQUE

José Carlos Pereira Ary dos Santos (1937-1984)

Um dos poetas mais talentosos da sua geração e um impulsionador da renovação da música ligeira portuguesa. Homem de personalidade vincada e homossexual assumido, saiu de casa aos 16 anos e trabalhou para sobreviver.

O seu talento criativo granjeou-lhe sucesso na publicidade e nas letras. Em 1963 publicou o primeiro de muitos livros de poesia. Reconhecido declamador e autor de centenas de canções e fados, quatro das suas músicas representaram Portugal nos festivais da Eurovisão. Trabalhou com grandes nomes da música portuguesa da época: Nuno Nazareth Fernandes, Fernando Tordo, Alain Oulman, José Mário Branco, Paulo de Carvalho, António Victorino de Almeida, Amália Rodrigues, José Manuel Osório, Carlos do Carmo, etc. Ativo militante político, antes e depois do 25 de Abril, filiou-se no Partido Comunista Português e a este deixou os seus bens.



SUGESTÃO DE LEITURA

“As cartas roubadas” de Lorenzo de’ Medici

O autor deste livro apresenta-se como herdeiro direto da família Medici e por consequência da protagonista desta história: Maria de Médicis, nascida em Florença em 1575, rainha consorte de França de 1600 a 1610, e regente durante a menoridade do seu filho Luís XIII. Afastada do poder, deseja tê-lo de volta...

A história desenrola-se em dois períodos temporais com cinco séculos de permeio. Por um lado, seguimos as tribulações e propósitos da rainha-mãe, por outro, acompanhamos

a historiadora Ann Carrington, envolvida num turbilhão de meias-verdades, enquanto tenta desvendar o código secreto da correspondência de Maria de Médicis com o célebre pintor Rubens e a localização dos diamantes da rainha... Um enredo sobre paixões, ganância e enganos.

CURIOSIDADES BIBLIÓFILAS

“Proletários de todos os países, uni-vos!”

Uma das mais simbólicas publicações clandestinas durante o Estado Novo é o jornal Avante. Órgão do Partido Comunista desde 1931 persiste ainda hoje, tendo sofrido apenas um interregno entre 1939 e 1940.

O primeiro número foi impresso numa tipografia no Largo de São Paulo em Lisboa, daí em diante e até à Revolução de Abril saiu de prelos clandestinos, graças a uma rede de homens e mulheres a viver no fio da navalha. Impresso em papel de arroz, focava-se essencialmente na luta dos trabalhadores e chegou a ser comido por quem o transportava para evitar o pior. O trabalho era manual e arriscado. Os tipógrafos tinham de estar sempre prontos a fugir, mas houve quem percesse às mãos da PIDE por lutar pela liberdade de imprensa, como o tipógrafo Agostinho Fineza, morto a tiro a 1 de Maio de 1963, durante uma manifestação.



Imagem: https://www.museudoaljube.pt/2023/02/15/jornal-avante/

DESTAQUES



Avenida Luís de Camões, n° 7 - 2230-139 Sardoal
Telefone: 241 851 169 E-mail: biblioteca@cm-sardoal.pt
Horário: de segunda a sexta das 9h00 às 12h30m e das 14h00 às 17h30m
Encerra aos sábados, domingos e feriados

